

Pedro e o verbo

Há dias por acaso significativo cruzou-se-me o livro Devagar de António Pedro com um conto de Váster Hugo Mãe em que se lias sobre um rapaz apaixonado à passagem da criança, o rapaz devagava. Suspendia-se até ao fogo, via aumentado a gravidade e esfriava o mesmo tempo" (Mãe 2015). Também na obra de António Pedro (1909-1966) encontro vagar de um amor aprido de "devagar devagar Tudo é tardança a sensação de nunca ter chegado" invade-me que a ausência/na inconsciência devagar que me tem o olhar quieto"; "O tio de água/da sota n'ha branca/devagarinho canta/ce vai/devagarinho/branco (...)/e a luz de devagarinho, branca/devagarinho tvi/ e manselinho tomba/ e devagar assombra/ e me dilui"; "e se o luar bailar/ minha alegria/ assim vem devagar/ do mar, e a senta-me de mim"; "a luz de devagarinho/ para não incomodar..." (Pedro 1919). António Pedro escreveu sobre o teatro como se de música falasse: "o teatro é uma arte do tempo" Ou ele fosse escultura que ele seja "Como as palavras, as imagens que da escultura são Pedra do palco são movimento" A disciplina interartes é nele a unidade de se jável dramaturgo. Porque poeta editor jornalista pintor ceramista escultor encenador De certa forma, é como se nele a poética (uma teoria abrangente sobre a criação) existisse inviolável antes de qualquer poesia. No mesmo ano de 1929, em Diário António Pedro salva de cuissas inúteis que sobre ele se disseram uma crítica de Alves de Azevedo sobre sua "mecânica impulsiva" que percorre "os meandros confusos da mais inconspicua metafísica amorosa". António Pedro reconheceu-se nela certamente, já que resume a sua vida, no prefácio do pequeno Tratado de Lincença (1961) a uma "vida instável em trejeito ao prazer poético de se dar - uma vida infante de artista [...]".

